

A LEITURA NOS CURSOS DE APRENDIZAGEM ABERTA E MEDIADA: UM ESTUDO DE CASO

CELSO LEOPOLDO PAGNAN (UNOPAR - UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ).

Resumo

A leitura é uma habilidade a ser desenvolvida por qualquer estudante, em especial aqueles que freqüentam o curso de Letras, por ser a linguagem sua principal ferramenta de trabalho. Nem sempre, porém, tem-se uma visão exata da capacidade metacognitiva do estudante do ensino superior. Esta pesquisa tem, pois, como objetivo principal levantar e detectar as habilidades de leitura dos graduandos em cursos de aprendizagem aberta e mediada, especialmente os alunos do curso de Letras. A amostragem da pesquisa foram estudantes dos cursos à distância da Unopar – Universidade Norte do Paraná. Realizou-se um diagnóstico por meio de um questionário proposto numa área restrita aos estudantes. Esse questionário se dividia em duas etapas. Na primeira etapa, apresentou-se doze perguntas a fim de se estabelecerem os limites cognitivos dos graduandos, na segunda, outras doze questões para que se estabelecessem as estratégias utilizadas para chegarem à metacognição aplicada à leitura, ou seja, a metacompreensão. O objetivo maior é o de, após análise dos dados preliminares, traçar um perfil do aluno-leitor. Saber os hábitos de leitura, a freqüência, bem como a quantidade de livros lidos anualmente, o tipo de leitura efetuado. Uma última etapa da pesquisa, ainda a ser realizada, pretende discutir soluções para aprimorar a capacidade metacognitiva do leitor.

Palavras-chave:

leitura, diagnóstico, metacognição .

Introdução

"Um país se faz com homens e livros". A conhecida frase de Monteiro Lobato, apesar de ter se tornado um clichê, ainda encerra uma verdade de caráter absoluto. Com efeito, não podemos pensar no desenvolvimento de um indivíduo e de uma sociedade sem a difusão do conhecimento. E o meio mais eficaz, desde que Gutenberg inventou a imprensa, continua a ser o livro. Entretanto, não podemos reduzir o ato de ler ou o meio de transmissão da ciência, única e exclusivamente, pelo livro. Há outros veículos de comunicação disponíveis, sobretudo a internet, que também pressupõe a necessidade da leitura. Queremos, com isto, dizer que outro clichê bastante conhecido, o de que "o brasileiro não lê", pode não ser a expressão de uma verdade absoluta.

Na verdade, o mercado editorial brasileiro, especialmente o de livros, em comparação com o mercado americano, alemão ou francês, por exemplo, está muito aquém. Enquanto nos países centrais um livro mediano pode ter tiragem inicial de dez mil ou até vinte mil exemplares, no Brasil um livro com boa possibilidade de vendagem, não tem uma tiragem superior a cinco mil exemplares (exceções são os autores já consagrados como *best-sellers*). Aqui, a média gira em torno dos mil exemplares por edição. Isso não significa que, a despeito do alto índice de analfabetos, o leitor brasileiro seja raro. Não, ele existe em grande número. O problema, talvez, seja a qualidade da leitura e a capacidade de compreensão do que se lê.

Em 2001, a Câmara Brasileira de Livros (CBL) divulgou uma ampla pesquisa sobre a leitura no Brasil. E prepara, para o ano de 2008, uma segunda pesquisa sobre o mesmo tema[1]. À época, o público pesquisado compreendia a população alfabetizada com mais de 14 anos, correspondente a 86 milhões de pessoas. A pesquisa identificou três categorias de leitor:

- a) o leitor habitual - lê esporadicamente desde textos mais simples como placas de rua até jornais e revistas, correspondente a 62% da amostra;
- b) o leitor efetivo (aquele que havia lido ao menos um livro nos últimos 3 meses anteriores à pesquisa) e que equivale a 30%; e
- c) o leitor corrente (o que lia um título no dia da entrevista), totalizando 14% do público pesquisado.

Tomando por referência tais aspectos, realizamos uma pesquisa com o objetivo geral de traçar um diagnóstico do aluno de Letras da Unopar - Universidade Norte do Paraná (incluindo os do ensino mediado e a distância, os da graduação e também da pós-graduação).

Como objetivos específicos, pretendemos listar as características em relação aos níveis de leituras dos alunos e as categorias acerca dos tipos de leituras apreciados; estabelecer o processo metacognitivo de leitura dos alunos observados; traçar estratégias de estímulo e de aprimoramento da habilidade de leitura.

A partir dessas informações, também traçamos um painel, por amostragem, do público universitário leitor, em particular do alunado de Letras. Neste artigo, pelo espaço limitado, iremos apresentar um resumo dos principais pontos, bem como alguns resultados.

1. Fundamentação Teórica

Para dar mais espaço à pesquisa propriamente dita, eliminamos a fundamentação teórica do presente artigo. De qualquer modo, mantivemos os livros e autores de que nos servimos nas referências.

2. Metodologia

A presente pesquisa tem como base principal a aplicação de dois questionários, com a finalidade de avaliarmos as habilidades metacognitivas dos alunos na compreensão na leitura. O primeiro questionário aborda a leitura em si e o que os alunos lêem. O segundo, composto de estratégias positivas e negativas, é baseado em sugestão de Giasson (1993). A partir de tais instrumentos, traçamos um diagnóstico a fim de estabelecermos os limites cognitivos dos leitores/graduandos de Letras e os meios empregam para chegar à metacognição aplicada à leitura, ou seja, à metacompreensão.

Na modalidade a distância, foram escolhidos os alunos ingressantes no Curso de Letras, isto é, matriculados no Módulo I no primeiro semestre de 2008, nas unidades conveniadas da Unopar em todos os estados do Brasil. O questionário foi disponibilizado para preenchimento *on-line* na área restrita do aluno. Já os alunos do curso presencial, preencheram o questionário em sala de aula, com a presença de um dos pesquisadores. De posse dos dados, foi realizada a tabulação e a análise dos mesmos.

As informações obtidas com a pesquisa permitem ao corpo docente do curso de Letras, não só o conhecimento detalhado dos níveis de leitura utilizados pelo alunado, como também as estratégias utilizadas pelos alunos. Diante disso, podemos pensar em propostas que propiciem o aprimoramento da habilidade de leitura e fortaleçam a formação desse profissional na área de Letras, envolvendo os seguintes aspectos: 1) conhecimentos sobre a pessoa e seus limites cognitivos; 2) conhecimento sobre o material lido (tipos de textos e leituras); e 3) conhecimento sobre os recursos aplicados para se entender um texto.

3. Tabulação e Análise dos Dados

No Curso de Letras, somando os da educação mediada, os da graduação presencial e os da pós, 326 (trezentos e vinte e seis) alunos responderam ao primeiro questionário e 204 (duzentos e quatro) ao segundo.

Foram respondidos dois questionários, com o total de 26 questões, disponibilizadas *on line*, na área restrita dos alunos, ou *in loco*, na sala de aula. Quatorze questões constituem o primeiro questionário para traçar o diagnóstico de leitura dos entrevistados e outras doze para identificar as estratégias que comumente executam para ler e compreender um texto. Questionamos ainda a respeito do último livro, do livro que mais teria marcado emotiva ou intelectualmente o aluno, bem como um nome de autor importante para sua formação intelecto-afetiva.

3.1 Diagnóstico de leitura

A primeira pergunta do questionário sobre Diagnóstico de leitura aborda o que significado da leitura para o entrevistado, com oito possibilidades de respostas, cinco de caráter positivo (prazer, conhecimento, distração, hábito e cultura) e três de caráter negativo (chateação, dificuldade e sonolência).

Conforme podemos observar os informantes afirmaram que leitura significa, antes de tudo, conhecimento, depois cultura. As respostas vão ao encontro das expectativas do perfil de que se espera de um estudante de Letras, tendo em vista a natureza do curso. Outras três escolhas também recaíram sobre as que apresentam teor positivo, na ordem: prazer, hábito e distração. Tais afirmações coadunam-se com a pergunta seguinte sobre o valor que se atribui ao ato de ler, visto pela maioria como algo essencial, gostoso e desafiador. Do mesmo modo, os adjetivos que apresentam teor negativo foram preteridos em favor dos que expressam uma visão positiva do ato da leitura.

De todas as respostas que revelam uma visão negativa a que mais chama a atenção é que trinta e um entrevistados associaram a leitura a um valor econômico, isto é, optaram por relacionar a leitura ao preço que se paga para adquirir livros, revistas e mesmo assinatura de jornais.

Anexo 1

Anexo 2

Em relação à quantidade de livros que o alunado de Letras lê anualmente, nossa pesquisa também confirma, na média, a pesquisa da Câmara Brasileira de Leitura, cujos dados foram atualizados em 2008. Segundo a CBL[2], o brasileiro lê em média 4,7 livros por ano. Dos 326 entrevistados, 255 responderam a essa pergunta e 97 afirmaram ler de quatro a sete livros por ano. Em termos percentuais, isso dá 38% das respostas. Como segunda resposta mais comum, foi a que indica uma média de até três livros por ano. 72 entrevistados, ou 28% do total, afirmaram não ler mais que três livros anualmente. Em outros termos, a maioria absoluta lê uma quantidade de livros dentro da média do brasileiro, a despeito de ser estudante de letras, o que pressupõe uma média, por necessidade e por interesse bem maior.

Anexo 3

Os meios de acesso aos livros podem explicar o baixo índice de leitura anual, ainda que não o justifique. Em termos absolutos, a maior parte se dá via empréstimo (não especificado se de bibliotecas ou de amigos). Embora o número absoluto de compras de livros novos seja relativamente expressiva (135 no total), em termos percentuais é baixo (21% das escolhas). Assim, a maioria absoluta dos meios pelos quais os estudantes têm acesso aos livros se dá ou por *download* gratuito da *internet* ou por compra de material usado ou ainda por fotocópias. Trata-se, pois, de uma explicação de caráter econômico.

Anexo 4:

Por fim, procuramos determinar o grau de influência exercida na infância do entrevistado (quando normalmente se forma o leitor), que o incentivou a ler. As duas respostas mais comuns foram, como não poderia deixar de ser pela presença mais constante na vida do entrevistado, a escola (178 respostas) e a família (132 respostas). Vinte e quatro entrevistados afirmaram terem sido, durante a infância, influenciados pela televisão para que viessem a se tornar leitores de livros.

A escola exerce grande influência, sem dúvida, levando-se em conta os trabalhos realizados como *A hora do conto*, *A hora da leitura*, gincanas literárias, concursos internos, além do trabalho do professor de português de exigir a leitura de determinado livro para realização de provas e trabalhos.

Quanto à família, trata-se de uma influência mimética, por assim dizer. Em uma casa onde os pais leem, a criança certamente irá buscar imitar o pai e a mãe leitores. Trata-se de uma relação quase natural com o livro. Lê-se como se assiste à TV.

Anexo 5:

3.2 Estratégias de leitura

Quanto ao questionário sobre as estratégias de leitura, os alunos responderam a doze questões, todas iniciadas por "Você compreende melhor um texto...", adaptadas do questionário (originalmente com dez questões) apresentado por Jocelyn Giasson, na obra **A compreensão na leitura**, traduzida e publicada em Portugal, em 1993. Além da adaptação para o linguajar do Brasil, acrescentamos duas questões, como complementação às estratégias positivas e negativas, ou seja, as que devem e as que não devem ser empregadas pelos alunos, durante a leitura.

Eis as questões sobre as estratégias de leitura

Você compreende melhor um texto...
1) Se você pensar em outra coisa enquanto lê?
2) Se você escrever o que leu com suas palavras?
3) Se você sublinhar as partes importantes do texto?
4) Se você fizer perguntas a si mesmo sobre as idéias contidas no texto?
5) Se você reescrever todas as palavras do texto?
6) Se você reler o texto para ver se lembra todas as partes?
7) Se você deixar de lado as partes que não compreendeu?
8) Se você ler o texto o mais depressa possível?
9) Se você reler o texto todo várias vezes?
10) Se você fizer perguntas a si mesmo sobre as partes do texto que não tenha compreendido?
11) Se você recorrer a outros textos como auxílio?
12) Se você fizer anotações sobre o que já leu?

Cada pergunta compreendia quatro possibilidades de respostas: sempre - às vezes - raramente - nunca.

Como estratégias positivas, consideramos sete questões (2, 3, 4, 6, 10, 11 e 12); como negativas, temos cinco (1, 5, 7, 8 e 9). Cada pergunta, correspondente a uma estratégia, recebe uma pontuação conforme o seguinte quadro:

Alternativas	Estratégias positivas	Estratégias negativas
Sempre	+ 2 pontos	- 2 pontos
Às vezes	+ 1 ponto	- 1 ponto
Raramente	- 1 ponto	+ 1 ponto
Nunca	- 2 pontos	+ 2 pontos

Para efeito de análise geral, partimos do princípio de que, quanto mais pontuação positiva, melhor os leitores do grupo estudado se utilizaram das estratégias para a compreensão do texto. Através desse questionário, pretendeu-se, portanto, verificar quais as estratégias utilizadas pelos participantes da pesquisa para chegar à metacognição na leitura. De acordo com Giasson (1993), o desenvolvimento dos processos cognitivos acontece com o tempo e acompanha o amadurecimento das habilidades de leitura. Porém, se os alunos não os dominarem, isso pode ser ensinado a eles.

Observando-se os resultados apresentados nos gráficos a seguir, é possível visualizar que os pesquisados adotam pouco as estratégias negativas: pensar em outra coisa enquanto lê (sempre - 16/nunca - 74), ainda que nessa questão um número expressivo de informantes registrou que às vezes faz isso - 68; reescrever todas as palavras do texto (sempre - 4/nunca - 93) ; deixar de lado as partes que não compreendeu (sempre - 4/nunca - 96); ler o texto o mais depressa possível (sempre - 10/nunca 99). Os resultados, de forma geral, apontam que os alunos compreendem essas técnicas como não produtivas na tentativa de compreensão do texto lido. A única exceção é a estratégia de reler o texto todo várias vezes que apresentou um número alto nas alternativas sempre - 48 e às vezes - 100 e um número menor nas alternativas raramente - 42/nunca - 14. Talvez isso aconteça pelo fato de os alunos associarem a releitura do texto todo várias vezes a uma estratégia positiva para a compreensão da leitura.

Quanto às estratégias positivas - as de número 2, 3, 4, 6, 10, 11 e 12 - os gráficos a seguir apontam: 2 - escrever o que leu com suas palavras (sempre - 71/às vezes - 88/nunca - 14); 3 - sublinhar partes importantes do texto (sempre - 123/às vezes - 66/nunca - 2); 4 - fazer perguntas a si mesmo sobre as idéias contidas no texto (sempre - 99/às vezes - 82/nunca - 1); 6 - reler (folhear) o texto para ver se lembra de todas as partes (sempre- 71/às vezes - 82/nunca - 11); 10 - fazer perguntas a si mesmo sobre partes do texto que não compreendeu (sempre - 82/às vezes - 90/nunca - 5) e 11 - recorrer a outros textos como auxílio (sempre - 45/às vezes - 112/nunca - 17). Tais resultados demonstram que o alunado de Letras domina as estratégias positivas para a compreensão de textos e as utiliza nos momentos necessários, de forma a resolver o problema que os impede de compreender efetivamente o que estão lendo.

Isso é importante quando pensamos que os informantes serão professores de língua materna e deverão ser capazes de fornecer aos seus alunos ferramentas para uma leitura eficiente. Se o professor domina tais conhecimentos, terá condições de instrumentalizar seus alunos para que possam superar as dificuldades envolvidas no ato de ler.

3.2.1 Análise das respostas

Mais uma vez pela limitação do espaço, não podemos reproduzir a tabulação das 12 perguntas. Importante lembrar que neste caso foram respondidos 204 questionários. A maior parte dos entrevistados (75%) é graduando em Letras, especialmente os do primeiro semestre. Os demais 25% dos entrevistados ou eram formandos ou cursavam a especialização à época da realização dos questionários (2007/2008). A resposta "às vezes" predominou na metade dos casos, seis ao total; "nunca", em quatro situações; e "sempre", em duas. "Raramente" não obteve maioria em nenhuma das respostas. É bem verdade que os dois casos extremos, mais e menos assinalado, apresentam um significado amplo, pouco preciso. "Às vezes" pode indicar entre cinco e nove vezes; "raramente", entre uma e quatro vezes, o que denota o aspecto relativo das respostas e vai ao encontro de uma atividade que, podemos dizer, carrega em si algo de bastante subjetivo, pessoal.

Outro aspecto que deve ser analisado diz respeito à pontuação. Se todas as respostas, ao menos em sua maioria, atingissem +2, teríamos uma totalidade de +24. No entanto, chegamos a +16, o que corresponde a 67% do limite. Ora, considerando esses dados, pode-se afirmar que, embora o aluno, por razões óbvias, ainda não está formado como leitor, apresenta qualidades essenciais para vir a desenvolver tal habilidade.

4. Obras e autores

Outra parte do questionário tinha como objetivo determinar três respostas para especificar quão importante é a leitura para o entrevistado/aluno:

- a) o livro de que mais gostou
- b) o autor que mais aprecia
- c) o último livro lido

Foram 219 respostas para a primeira pergunta, 194 para a segunda e 213 para a última. A diferença se explica com alguma facilidade. Nem todas as pessoas conseguem se lembrar com precisão de títulos de livros (as respostas deveriam ser escritas e, em certos casos, houve erros acentuados entre o título real e o imaginado) por isso não responderam a alguma das três perguntas; além disso, nem sempre se tem um autor que de fato se aprecia, ponto confirmado pela questão 9 do primeiro questionário, quando menos da metade respondeu escolher um livro particularmente pelo nome do autor; em relação à terceira pergunta, ela é determinante para saber se, mesmo estando matriculado em um curso superior, o entrevistado/aluno teria lido algum livro nos últimos tempos. É bem verdade que a pesquisa não revela quando se deu a leitura, apenas o título provável do livro. Ainda assim se presta a caracterizar o leitor universitário, consoante as categorias nomeadas pela CBL, em leitor habitual, efetivo ou corrente. No caso da pesquisa da CBL, 14% dos entrevistados revelaram ter lido ao menos um livro no mês em que foi inquirido. A prática configura o leitor corrente. Em nossa pesquisa, do total de 326 entrevistados, 213 lembraram-se do título do último livro lido. Não significa, porém, que os 113 restantes não tivessem lido exatamente, apenas não revelaram o título, por esquecimento ou por efetivamente não ter lido de fato. De qualquer modo, em confronto com a média nacional, trata-se de um dado expressivo e compreensivo, considerando-se a necessidade da leitura para a ação, isto é, para a realização de uma prova ou de um trabalho. Com efeito, o título do último livro

mais lido confirma a leitura para a ação, no caso **Como ordenar as idéias**, de Edivaldo Boaventura. Trata-se de um livro da série Princípios da Editora Ática, e que explica o que está expresso no título. Foram 43 respostas (de 213). Interessante que, ou por se ler pouco ou por se ter pouco parâmetro comparativo (a totalidade dos que apontaram o livro como o último livro cursavam ainda o primeiro semestre de Letras), oito entrevistados responderam que o manual de Boaventura foi o livro de que mais haviam gostado; e o autor aparece como o mais estimado por quatro entrevistados.

A seguir, parte das questões e dos resultados.

Anexo 6:

Como se pode perceber, as leituras preferenciais são as que contemplam a temática auto-ajuda. Classificamo-la também como de educação não por fazerem parte da lista obras do estudo pedagógico (quando isso aconteceu, a colocamos no item ensaios/estudos), e sim por contemplarem os dois pontos. Livros como *Pais brilhantes, professores fascinantes* ou *Nunca desista de seus sonhos*, ambos de Augusto Cury, são alguns dos mais lembrados, bem como *O segredo* e *Segredos da mente milionária*, que podem ser classificados de modo mais particular como de auto-ajuda. Quanto aos livros da literatura brasileira, os mais citados foram os romances já tradicionais (por conta dos vestibulares e das listas de livros do ensino médio), como *Dom Casmurro*, *O cortiço*, *Senhora*, mas também apareceram referências a *Fogo morto*, *O pagador de promessas* e *Grande sertão: veredas*, cuja dificuldade de leitura é maior, sobretudo do último. Em relação aos Best-sellers, incluímos na lista os livros de Paulo Coelho e outros reconhecidos como tal, como os de Sidney Sheldon (*A ira dos anjos*, *O outro lado da meia-noite* etc.) e os mais atuais, como *O código da Vinci* e *O caçador de pipas*. Fizemos uma separação entre literatura estrangeira e literatura portuguesa por razões da língua. Da segunda, o autor mais lembrado foi Eça de Queirós, como *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*; no entanto, também citou-se o poema épico de Luis de Camões, *Os lusíadas*, como o que mais teria marcado a vida do leitor. Embora tenha sido apenas uma lembrança, ainda assim é uma referência interessante tendo em vista a dificuldade de ler o texto, embora o público entrevistado pertença ao mundo das letras. Já da literatura estrangeira (de outras línguas, portanto), citaram-se livros como *A letra escarlata*, *Odisséia*, *A dama das camélias*, *O vermelho e o negro*. Em princípio seriam todas obras em sua versão tradicional, e não adaptações ou outras versões. Os religiosos incluem, além da referência à Bíblia, livros de temática espírita, que teriam sido ditados por um espírito e autopsicografados pelo autor que assina o livro, como é o caso de *Violetas na janela*. Em ensaios ou estudos, estão contemplados livros como *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, e *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno. Há ainda uma referência ao livro *Freakonomics: o lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta*, dos economistas Steven Levitt e Stephen Dubner. No item didático, há uma referência já expressa aqui, o *Como ordenar as idéias*.

Em relação à segunda pergunta, foram 194 respostas, que fizeram referência a 62 nomes diferentes, incluindo autores nacionais e estrangeiros, bem como de gêneros variados, como os já especificados acima (auto-ajuda, religiosos, ensaios, infantil etc.). Muitos dos escritores citados são os autores dos livros mencionados como mais significativos, entre os quais Machado de Assis, Guimarães Rosa, Paulo Coelho, Sidney Sheldon etc. Mas também apareceram nomes de autores, cujos

livros não foram referidos anteriormente, como Carlos Drummond de Andrade, José Saramago, Albert Camus etc. A explicação não é difícil e já foi feita acima, quando afirmamos que se pode ter mais de um livro ou mais de um autor de sua preferência. Eventualmente, citou-se um livro para a primeira questão e autor diferente para a segunda.

A terceira questão inquiria qual teria sido o último livro lido pelo entrevistado. Embora a pergunta contivesse o adjetivo literário, muitos não perceberam esse critério e informaram diversos livros não pertencentes à literatura de modo específico. Por esta razão, misturaram-se os gêneros ou temáticas dos livros mencionados, conforme se percebe no gráfico a seguir.

As respostas foram bastante coincidentes com o primeiro gráfico. Os três primeiros gêneros/temáticas repetem-se na mesma ordem, bem como os livros religiosos e os voltados para o estudo didático. Houve uma inversão de posição entre os da literatura portuguesa e os dirigidos, preferencialmente, para o público infanto-juvenil, bem como inversão entre os da literatura estrangeira e os livros de caráter ensaístico. Em termos absolutos, porém, os livros mais vezes citados foram dos didáticos (*Como ordenar as idéias* e *Língua, linguagem e fala*) e os de auto-ajuda (*Pais brilhantes, professor fascinantes* e *O Segredo*). As obras literárias de fato mais lembradas foram quatro tradicionais, por assim dizer, e duas que figuram entre os Best-sellers da atualidade (*O caçador de pipas* e *A cidade do sol*, ambos do mesmo autor)

Foram 214 respostas, que contemplaram 124 títulos diferentes, dos quais destacamos o que foram lembrados ao menos por três entrevistados, consoante nosso critério.

Anexo 7

O manual didático, *Como ordenar as idéias*, não deve ser visto com grande surpresa ou propriamente uma quebra de expectativas, pois certamente deve ter sido um livro de leitura obrigatória para alguma disciplina que estavam cursando. O que chama a atenção negativamente é o fato de boa parte não ter atentado para a totalidade da pergunta, que solicitava a última obra literária lida. Embora a maioria tenha atendido ao que se solicitava, entre os livros mais lembrados apenas o quarto título, *O primo Basílio*, atendeu a esse critério.

Considerações Finais

A presente pesquisa procurou traçar um amplo diagnóstico sobre o alunado de Letras, particularmente os da educação mediada e a distância. O primeiro questionário abordou a significação da leitura, a motivação, os adjetivos associados a ela, os temas literários e os meios de acesso aos livros. Já o segundo enfocou as estratégias de leitura empregadas pelos alunos. Como se pode depreender, se as

estratégias nem sempre foram as mais adequadas para o perfeito exercício da leitura e a conseqüente decodificação e compreensão do que se lê, ainda assim, na maior parte, os alunos demonstraram capacidade metacognitiva adequada ao processo de leitura.

No entanto, por oposição, na terceira e última parte da pesquisa, a respeito de obras lidas, além de nem todos terem respondido ao questionário, também acabaram por não atentar a um elemento importante das perguntas, que diziam respeito a obras literárias. Desse modo, acabaram por mencionar diversos tipos de livros, pertencentes a gêneros diversos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

CBL et al. **Retrato da leitura no Brasil**. São Paulo: 2001, CD.

GIASSON, Jocelyne. **A compreensão na leitura**. Trad. Maria José Frias. Porto/Portugal: Asa, 1993. (Título original: **La compréhension en lecture**. Québec, Gaëtan Morin, 1990)

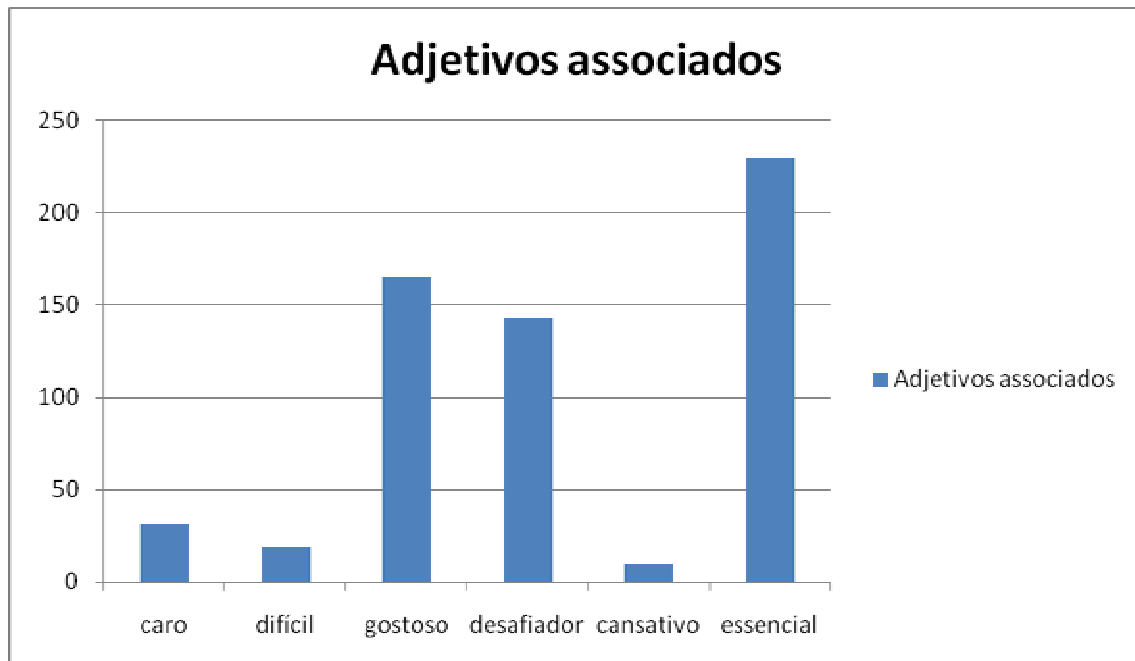
KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2000.

PAULINO, Graça [et al.]. **Tipos de texto, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

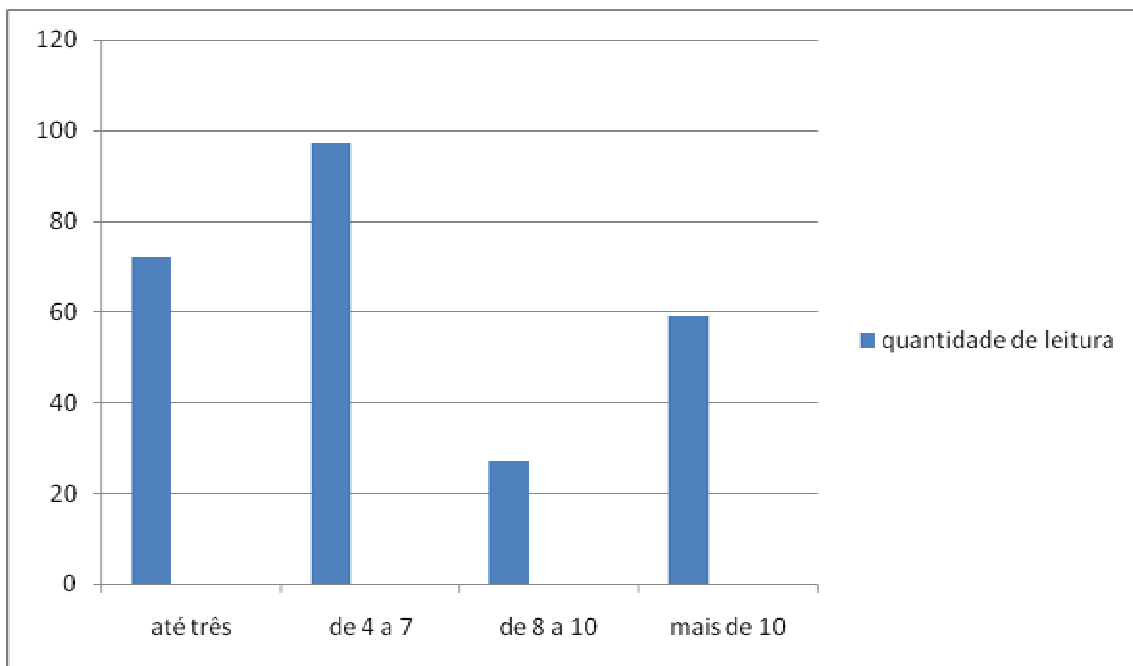
[1]Essa pesquisa foi concluída e apresentada em maio/2008. Foram entrevistadas 5.012 pessoas em 311 municípios de todo o país, representando mais de 172 milhões de pessoas, ou 92% da população.

[2] Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/05/28/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/>>. Acesso em 30 jun. 2008.

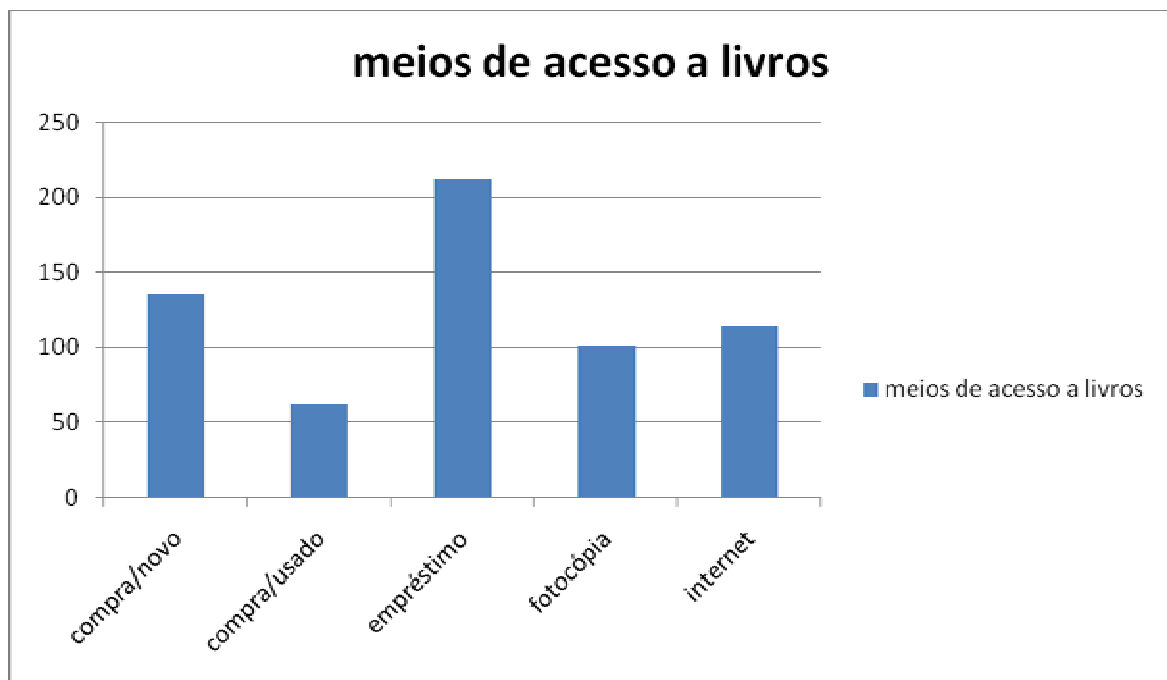
Anexo 1:



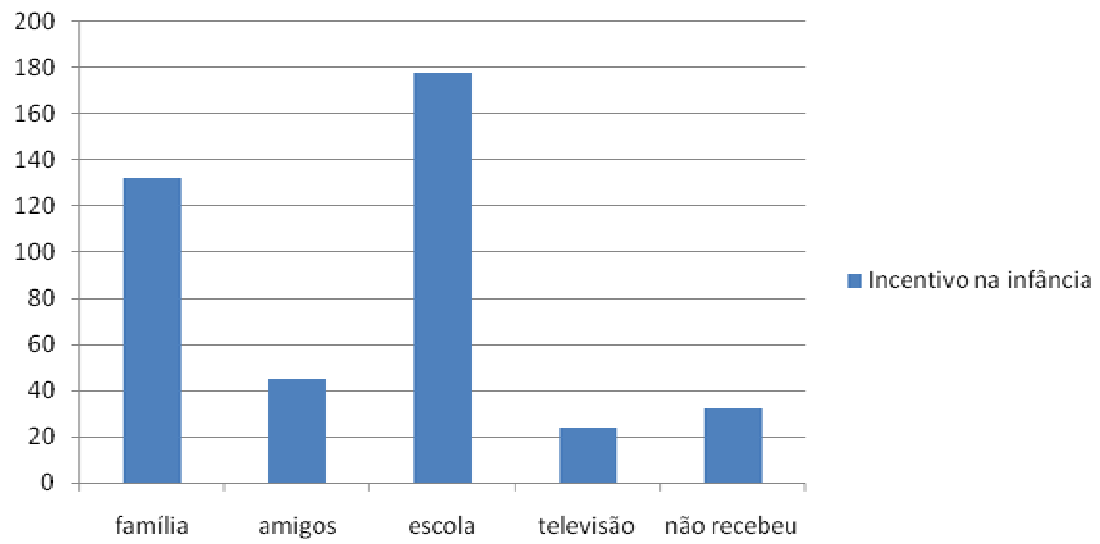
Anexo



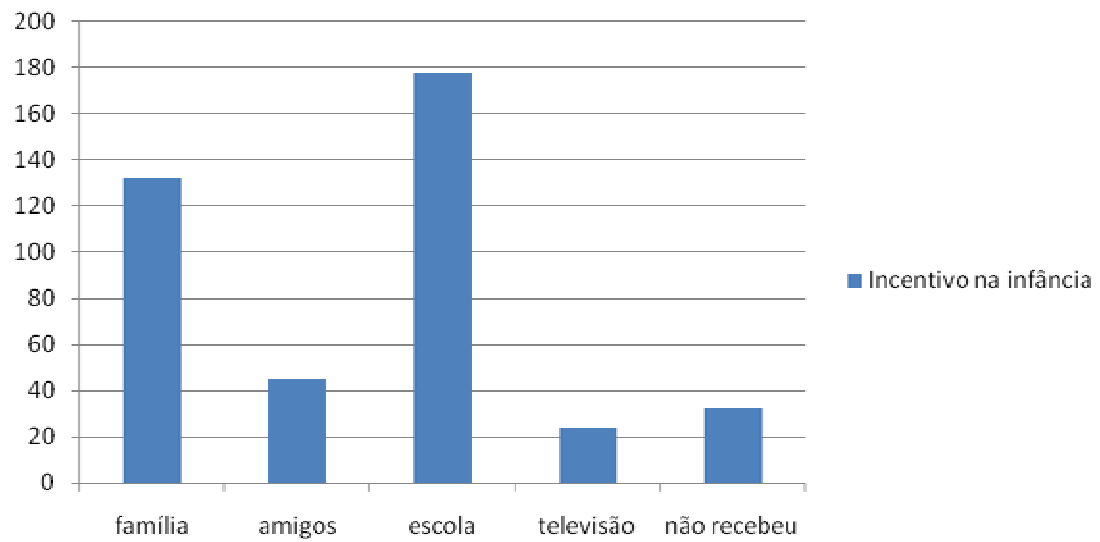
Anexo



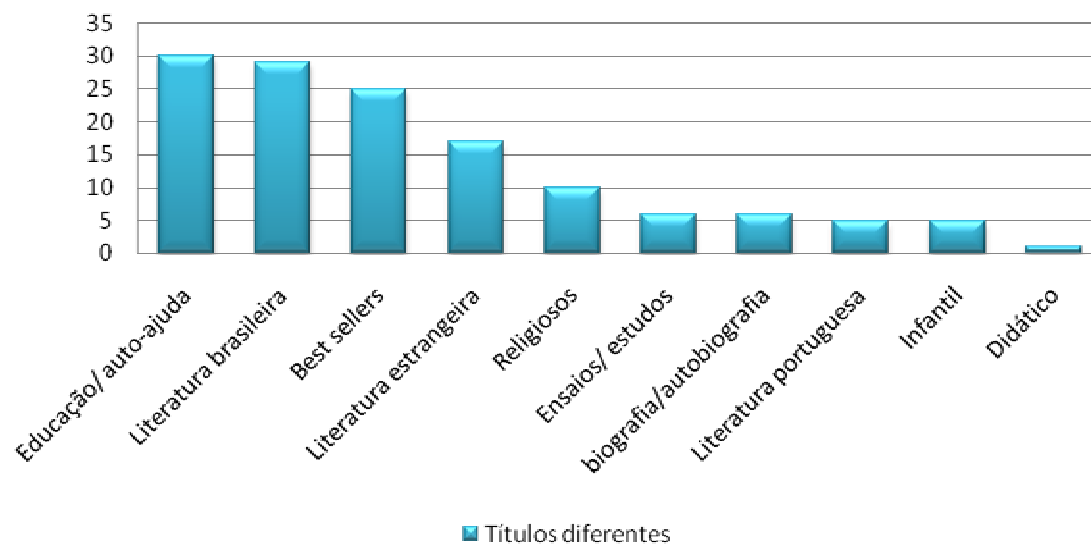
Incentivo na infância



Incentivo na infância



Títulos diferentes



último livro lido

